

Calle Florida

Sexta-feira, 20 de Julho de 1956

RUBEM BRAGA

EM FLÓRIDA

TRAGO um monte de recortes de jornais, folhetos, livros, e um caderno cheio de notas. Conversei com ministros, operários, técnicos, ouvi palavras de esperança e palavras de ódio. Enquanto vou lentamente pondo em ordem o material acumulado durante um mês em dois países penso na outra bagagem, a que a gente carrega dentro da alma. Ah, carrega ou não. Perde-se um amor como se perde uma valise, de súbito, sem explicação. Que estava dentro da valise — que doçuras, que tristezas partiram de nós assim de repente, extraviadas numa esquina? No momento não sabemos; apenas nos sentimos pobres, vagamente roubados; mas é preciso esquecer o desalque e ir tocando, tomar o carro, subir a escada do avião. Que viajante não perde nada? Ah, minha pequena fortuna, meu doce ouro, adeus.

Devo ser um pobre soberbo; mas, como um índio, me contento com missangas. Perdi um país, um mundo; meu território se sumiu no vento. Pobre rei sem terra, fico a brincar com minhas contas de vidro. Procuro consólo no que é impessoal. Uma tarde em Buenos Aires eu estava infeliz — mas não bebi, não telefonei, não procurei nenhuma pessoa amiga. Fechado no meu capote e no meu silêncio pus-me a andar pela rua cheia de gente. As grandes luzes só se acendem às 10 da noite, e desde muito cedo, no inverno, é escuro. Há um poder nessa multidão que desfila na penumbra como um rio grosso com seu murmúrio. Deixei-me ir por Flórida, dobrei talvez em Tucuman, subi até Suipacha, desemboquei em Corrientes, e eu era mais um homem de capote no seio da multidão, e a multidão me embalava e me fazia bem. E por ser impessoal e não ter pressa nem rumo, por ter um capote e sapatos grossos e por andar entre meus desconhecidos irmãos, eu me senti mais livre. E cumpri os ritos da multidão, comprei meu jornal, tomei meu café, li o «placard» das últimas notícias, fiquei um instante distraído mirando os frangos que giravam se tostando numa rotisseria.

Quando voltava para o meu hotel, por Flórida, me lembrei do primeiro verso de um soneto que li há muito tempo, parece que de Alfonsina Storni: «lo encontré en una esquina de la calle Florida...». Fiquei com esse verso na cabeça, pensando vagamente que esse homem sem nome que alguém encontrou em uma esquina de la calle Florida podia ser eu, como podia ser milhões de outros, e tirei disso não sei que vago e particular consólo.

Não foi em uma esquina, mas foi ainda em Flórida que encontrei alguém: era um casal de amigos brasileiros em lua de mel. Os dois estavam felizes, alegres deles mesmo e de tudo o mais, falando do prazer das compras de lã e da carne soberba dos restaurantes. Estimei encontrá-los, e a felicidade do casal me fez bem; mas senti, com certa curiosidade, que no fundo de mim não havia a menor inveja. Ide-vos, noivos morenos, por Flórida e Corrientes, ide-vos felizes por todos os caminhos da vida. Só vos invejarão os que também procuram ser felizes; minha longa tarefa é outra, é não ser infeliz é me proteger e me guardar, ser forte dentro de mim, forte, quieto e sereno. Essa tarefa me distrai; e, vendo em vossos olhos a felicidade, eu descobri que em verdade já não a procuro mais. Já passei por esse caminho; sobre a minha cabeça, quando ia por ele, mais de uma árvore deixou cair flores. Não choro esse tempo; simplesmente ele passou. Assim vai passando a multidão e dentro dela caminho outra vez, lentamente, distraído e tranqüilo como um boi.

"O Globo"
7. 4. 61

Radio ME
9. 12. 61

M 634